

Da educação humana: a experiência da Faculdade Católica de Rondônia

Nitish Monebhurrun

Doutor em Direito Internacional

(Escola de Direito de Sorbonne, Paris)

Professor Associado

(Centro Universitário de Brasília)

É um grito de austeridade que acolhe o primeiro passo do visitante na Faculdade Católica de Rondônia. Passando pelos corredores, a mente menos fértil pode imaginar-se em uma outra época, feita de cinza e negra, na qual reina uma educação rigorista mandada pela ponta da régua e pelo castigo... Malgrado, preconceituosos são aqueles que moldam a opinião confiando apenas no primeiro passo. Pois, pela segunda pernada, o visitante torna-se milagrosamente caseiro: da cinza nasce uma verde esperança; a umbral negra abre uma porta de luz.

Na imensidade desse continente que é o Brasil, há uma tendência de ver e de apontar apenas os aspectos patológicos da sociedade, da política, da economia ou da educação — entre outros. Talvez porque tenha, deveras, muitas críticas a serem formuladas em permanência. Talvez, também, por que em vez de

agir se prefere criticar — esperando que o outro fará... esperando sempre, e esperando muito... Obnubilado por essa esperança perpétua de macro-revoluções, não se vêem ou não se querem ver as micro-revoluções. Parecem insignificantes e sensaborões. Inúteis. E a inação torna-se um pretexto; o pretexto cômodo chama o desprezo. Mas na Faculdade Católica de Rondônia, vi, penso eu, uma micro-revolução: é a minha conclusão depois de uma semana dividida com uma parte do corpo docente.

Adentro se vê ardentemente uma fina equipe de professores preocupados com a formação dos alunos e tentando abrir a estes um caminho para que possam ter os instrumentos suficientes no exercício esclarecido do seu livre-arbítrio e da sua futura profissão. Se os professores se contam facilmente por não serem numerosos, a vocação deles pelo ensino mede-se em quilômetros de corpos docentes. É a filosofia do ensino que atrai: longe de uma formação universitária industrial e mecânica, se aprende ali a dividir o conhecimento — esse bem comum mal repartido. Como nas ágoras gregas, a sabedoria se comunitariza. Vi pessoalmente o reino dessa preocupação duradoura para permitir o acesso à educação, à uma formação, para propor uma chance, sem que a abertura equipare-se a um sacrifício de qualidade. Formar cada aluno de tal maneira que dele beneficie futuramente a sociedade:

poderia aqui ser o leitmotiv da obra universitária que está sendo construída na Rua Gonçalves Dias, em Porto Velho. Talvez não seja uma coincidência o cruzamento entre Gonçalves Dias e a universidade na mesma rua; o poeta, também do norte, não escrevia a toa: *“Amizade! União, virtude, encanto, consórcio do querer, da força, da alma”*.

Vi uma educação humana na qual o aluno é o centro, guiado pelo professor presente. As lacunas e as demandas são também, ambas, grandes; não obstante, a consciência das deficiências e a vontade de superá-las constituem indubitavelmente a força da instituição. Rousseau dizia que se fosse Rei (Estado), não escreveria, mas faria... A ausência do Estado em um âmbito específico sempre guia os olhos na direção daquele que, voluntariamente ou involuntariamente, tornou-se um substituto do primeiro, no exercício das funções sociais. Perscrutando a esfera universitária de Porto Velho, pareceu-me que a Faculdade Católica assumiu ali, em grande parte, um papel quase estatal de interesse público pela filosofia inerente ao seu sistema de ensino.